

Retratos de não-lugares no parque municipal de Alto Araguaia¹

Rosana Dias da SILVA²

Lawrenberg Advíncula da SILVA³

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Resumo

O presente trabalho trata-se de um ensaio fotográfico com uma concepção artística inspirada no conceito de não-lugares do sociólogo francês Marc Augé, ao retratar, através da fotografia, espaços de circulação de pessoas (com ou sem movimentação) no parque ecológico municipal Atanael Farias da Costa, da cidade de Alto Araguaia, sudeste de Mato Grosso. Trata-se de um trabalho laboratorial desenvolvido na disciplina de Planejamento Gráfico 1, a fim de verificar a relação imagética da fotografia na constituição simbólica da memória social da paisagem urbana.

Palavras-chave: Marc Augé; fotografia; não-lugares; parque municipal.

1. INTRODUÇÃO

Localizado entre as ruas 12 de Outubro, Quintino Bocaiuva, ambas situadas no bairro Boiadeiro, cidade de Alto Araguaia, sudeste de Mato Grosso, o parque municipal de Alto Araguaia funciona desde o ano de 2007. O seu perímetro possui 51.146 m², equivalente a 5,14 hectares, contendo uma vegetação variada composta em sua maioria por arvores típicas da região como a Arueira, Angico, Jatobá e Ipê; também possui árvores frutíferas como o cajueiro, a goiabeira e a jabuticaba. Além de ser cortada por um dos afluentes da bacia hidrográfica do Araguaia: o rio Boiadeiro.

Diariamente o parque municipal Atanael Farias da Costa recebe pessoas de várias idades, que deslocam até o local para a realização de atividades físicas como, por exemplo, a caminhada que é feita nos seus 6.175 metros quadrado de passarela cimentada. Além de atividades físicas, muitas famílias vão ao parque em busca de lazer.

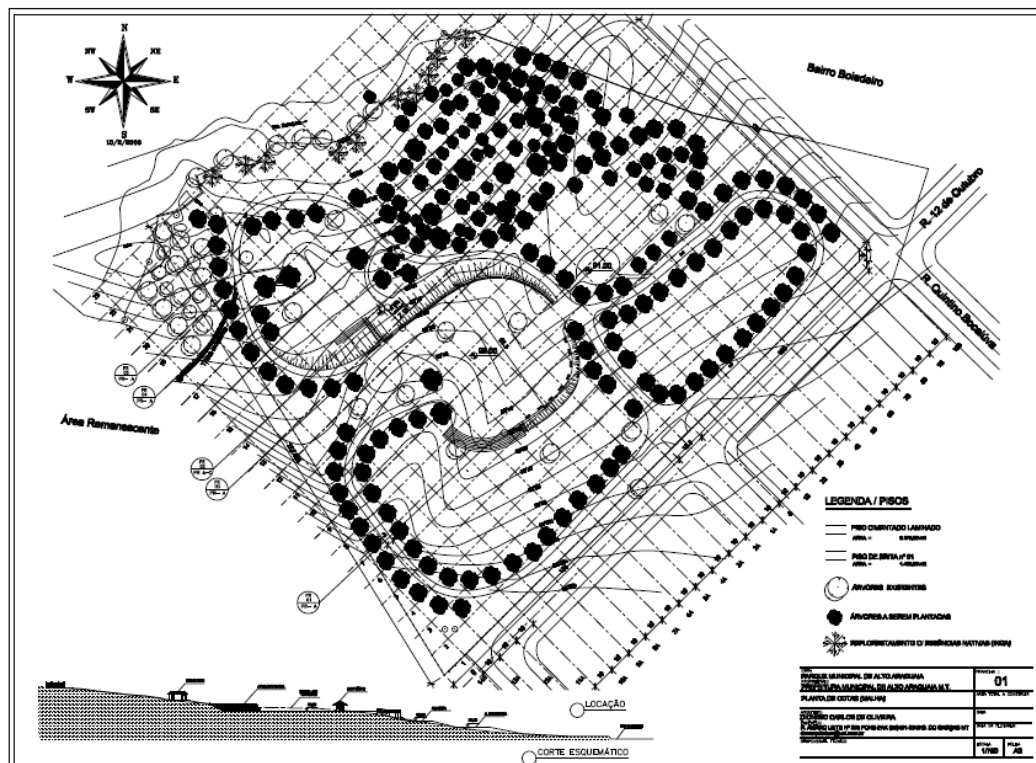
¹Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Fotografia Artística.

²Aluna do 6º semestre de jornalismo do campus universitário de Alto Araguaia da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: rosanasilva1971@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor Me. do Curso de jornalismo do campus universitário de Alto Araguaia da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat, email: lawrenberg@gmail.com.

A inauguração do Parque Municipal Atanael Farias da Costa aconteceu no ano de 2007, durante o pleito do prefeito de Alto Araguaia Jerônimo Samita Maia Neto (2005/2008).

O parque conta em sua estrutura física com: um mini parque infantil com brinquedos (balanço, gangorra, escorregador) para que as crianças possam se divertir e praticar esportes, uma quadra de volêi de areia, um bar com viés comercial e de propriedade privada, uma área para shows e apresentações culturais, equipamentos para a prática de exercicios fisicos, dois banheiros, um bebedouro, uma área reservada para preservação ambiental e aos arredores um clube recreativo e particular da Associação dos Funcionários da Fazenda do Estado de Mato Grosso (AFFEMAT). Logo abaixo, segue uma planta do parque municipal.



Planta do Parque Municipal Atanael Farias da Costa de Alto Araguaia-MT.

A fim de reinventar a imagem social do parque municipal junto à comunidade araguaieense, optamos por fazer um ensaio fotográfico de cunho artístico no parque, com a finalidade de documentar esse espaço em seu funcionamento no ano de 2011, considerando o fato de que toda fotografia é um testemunho (KOSSOY, 2001). Ao mesmo tempo, buscamos no conceito de não-lugares de Marc Augé (1994), na sua obra intitulada “**Não-**

lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade”, para definir os espaços de circulação do parque como fragmentos de um mundo provisório, efêmero e comprometido com o transitório e a solidão.

As passarelas do parque necessariamente não atribuem significados àqueles que lá trafegam, mas somente possibilitam o trânsito de indivíduos às vezes anônimos e movidos por um sentimento fugidio. Isso porque a idéia de lugar antropológico celebra a existência, o sentido vivido por aqueles que o habitam (AUGÉ, 1994: p. 51). O lugar armazena um quadro de referências que acabam direto ou indiretamente configurando a identidade cultural da pessoa. E, diferentemente disso, os não-lugares caracterizam por uma não-vinculação às referências históricas, identitárias ou relacionais.

Entre os não-lugares citados por Augé, temos: os aeroportos, as vias expressas, as salas de espera, os centros comerciais, estações de metrô, campos de refugiados, supermercados, etc. São muitas vezes lugares onde circulam além de pessoas, bens ou mercadorias. Que constituem superabundâncias espaciais, onde não há demarcações precisas entre o “eu” e outros. Afinal, nos não-lugares todos são estranhos, todos são atravessadores, todos são anônimos e tão-somente identificados na condição de passantes. E esses passantes podem ser: passageiros de avião, de ônibus ou metrô, circulantes-consumidores de um supermercado ou, no nosso caso, circulantes-atletas do parque municipal.

2 OBJETIVO

Produzir através da fotografia uma nova percepção social dos lugares de atravessamento na cidade de Alto Araguaia, ao retratar e reinventar os espaços de circulação do parque municipal de Alto Araguaia.

Nesse sentido, o presente ensaio fotográfico tem a incumbência de mediar uma nova estética social de cidade e, ao mesmo tempo, gerar um grau de inquietação perante a população sobre a relação espacial que todos mantêm com a cidade. Pelas fotografias do ensaio busca-se questionar o olhar da sociedade sobre a paisagem física circunvolvente e reforçar o papel da fotografia como uma memória histórica e social.

JUSTIFICATIVA

Diariamente um considerado fluxo de pessoas atravessa o parque municipal de Alto Araguaia, a fim de desenvolver atividades físicas, de lazer ou mesmo ligadas ao trabalho de

consciência e conservação ecológica. O parque municipal de Alto Araguaia constitui um microcosmo da variada vegetação da região, sendo cortada por um dos rios que compõem a bacia hidrográfica do Araguaia: o rio Boiadeiro.

Entretanto, nem todos os frequentadores do parque possui uma consciência ecológica e devida valorização ao espaço do parque, muitas vezes contribuindo para sua degradação ambiental e inevitável esquecimento histórico e social.

A fotografia no presente trabalho vira ferramenta de registro histórico. Nessa perspectiva, Kossoy (2001, 46/47) é elucidativo ao afirmar que:

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado.

Durante o trabalho de coleta de dados sobre a fundação e o desenvolvimento do parque, notou-se que o índice de visitação do parque caiu drasticamente, e entre os públicos de maior queda, deve-se destaque ao público adolescente. Cada vez mais se encontra menos jovens circulando nas passarelas do parque, assim contrariando o cenário habitual do parque em outras épocas onde atraía diversos adolescentes da cidade.

De uns anos para cá o parque tem perdido o seu sentido social em boa parte da população araguaense. Pior do que isso, o parque municipal tem se tornado um lugar propício para o desempenho de atividades ilícitas, tais como, tráfico de entorpecentes e relações sexuais. E, ciente disso, este trabalho ao fazer uso da fotografia e fundamentado no texto sobre não-lugares do sociólogo Marc Augé, ambas atividades aplicadas na disciplina de Planejamento Gráfico 1, busca sensibilizar a sociedade para a importância social do parque do passado e, principalmente, do presente.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O material produzido para o ensaio fotográfico no parque municipal foi totalmente produzido pela uma câmera digital Cânon Powershot sx210, com 14,1 megapixels de resolução e modo automático. As fotos foram produzidas com aplicação de profundidade de

campo e uso de ângulos e enquadramentos, com destaque aos planos Geral ou inteiro, e Plano Americano, com foco de baixo para cima sob a ideia de perspectiva e infinitude. A imagem foi capturada em cores e sua transformação (conversão) para o preto-e-branco foi feito via dispositivos presentes no software para edição de fotos Adobe Photoshop.

Segundo o Donis Dondi (1991), o preto e o branco são substitutos tonais da cor, uma vez que associados produzem uma representação monocromática nos meios de comunicação visual. As pessoas possuem uma facilidade muito grande de aceitar as representações monocromáticas, pois representam um mundo que não existe.

O preto, que é utilizado com mais predominância, representa a ausência de todas as cores, que, empregado em suas tonalidades acinzentadas, sugere a ideia do antigo, clássico e surreal. Trata-se de uma cor que na sua relação com o branco e as tonalidades de cinza gera bons contrastes de imagem (WILLIANS, 1995).

A proposta em si era focar os espaços de circulação, colocando os trafegantes em segundo plano e evidenciando a sensação de abandono do parque como um lugar fantasma, inexistente.

Durante a captura, que foi realizada no dia 20 de maio de 2011, o dia estava nublado na cidade de Alto Araguaia. As fotos foram feitas no final da tarde, em um horário em que o fluxo de pessoas reduzia-se no parque municipal. Antes da captura, fez-se um estudo de campo na busca dos melhores ângulos e paisagens que demonstrassem a ideia de abandono social do parque e de sua desertificação. Para que assim ficasse evidente o esvaziamento de sentido social desses lugares e aproximasse/evidenciasse de maneira conceitual a noção de não-lugares de Marc Augé.

Algumas pessoas foram fotografadas de costa no sentido de preservar sua condição de anônimas e configurasse a condição de identidade dos passantes dos intitulados “não-lugares”. E entre as fotografias trabalhadas, optamos por uma que contemplava a ideia de passagem, solidão, infinitude e memória histórica, possibilitando uma ponte entre o presenteísmo e o passado do parque municipal.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A fotografia produzida em nosso trabalho teve em sua composição uma releitura do conceito de não-lugares de Marc Augé e na sua concepção fotográfica a fotografia quanto memória social e histórica a partir do uso predominante do preto, o cinza e o branco.

A proposta era recriar, via representação monocromática, a paisagem do parque municipal como um lugar do passado, focando mais os espaços de circulação e colocando os indivíduos em segundo plano. Essa recriação busca retratar o abandono de alguns lugares constituintes da paisagem urbana e, conseqüentemente, seu processo de apagamento diante da memória social da cidade.

As fotografias monocromáticas foram capturadas por enquadramentos e planos que contemplam a totalidade do espaço. Simultaneamente, buscou explorar o melhor jogo de luz que evidenciasse melhor o contraste de preto-e-branco entre a ideia de profundidade e proximidade.

Na foto principal, ao fotografar em tons monocromáticos as pessoas caminhando numa passarela sinuosa que, aparentemente, parece sumir na linha do horizonte, o caminhar torna-se metáfora de um processo de entrada em uma condição de tempo infundável, onde o passado representado pelo contraste do preto-e-branco mescla com o incógnito futuro visualizado na “infinitude” da pista da passarela. Isso porque a mesma pista em seu formato panorâmico acaba sendo tão cíclico quanto interminável.



Foto: Rosana Dias da Silva

6 CONSIDERAÇÕES

Ao fazer uso da fotografia artística, este trabalho visou impactar a comunidade local da cidade de Alto Araguaia, através de um novo modo de “retratação” do parque municipal. A nova retratação apresenta-se como um ato político / reivindicatório contra a situação de abandono do parque.

Além de um exercício fotográfico, o trabalho fomenta uma reflexão a cerca do conceito de não-lugares quanto espaço de circulação e sem sentido relacional. Trata-se de uma atividade laboratorial na disciplina de Planejamento Gráfico, que evidencia os conhecimentos de percepção visual sobre as paisagens, principalmente no que tange o valor estético das representações monocromáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

DONDIS, D. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MODESTO, F. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. São Paulo: Edgar Blusher, 2000.

WILLIANS, R. **Design para quem não é designer**. 7. ed. São Paulo: Callis, 1995.